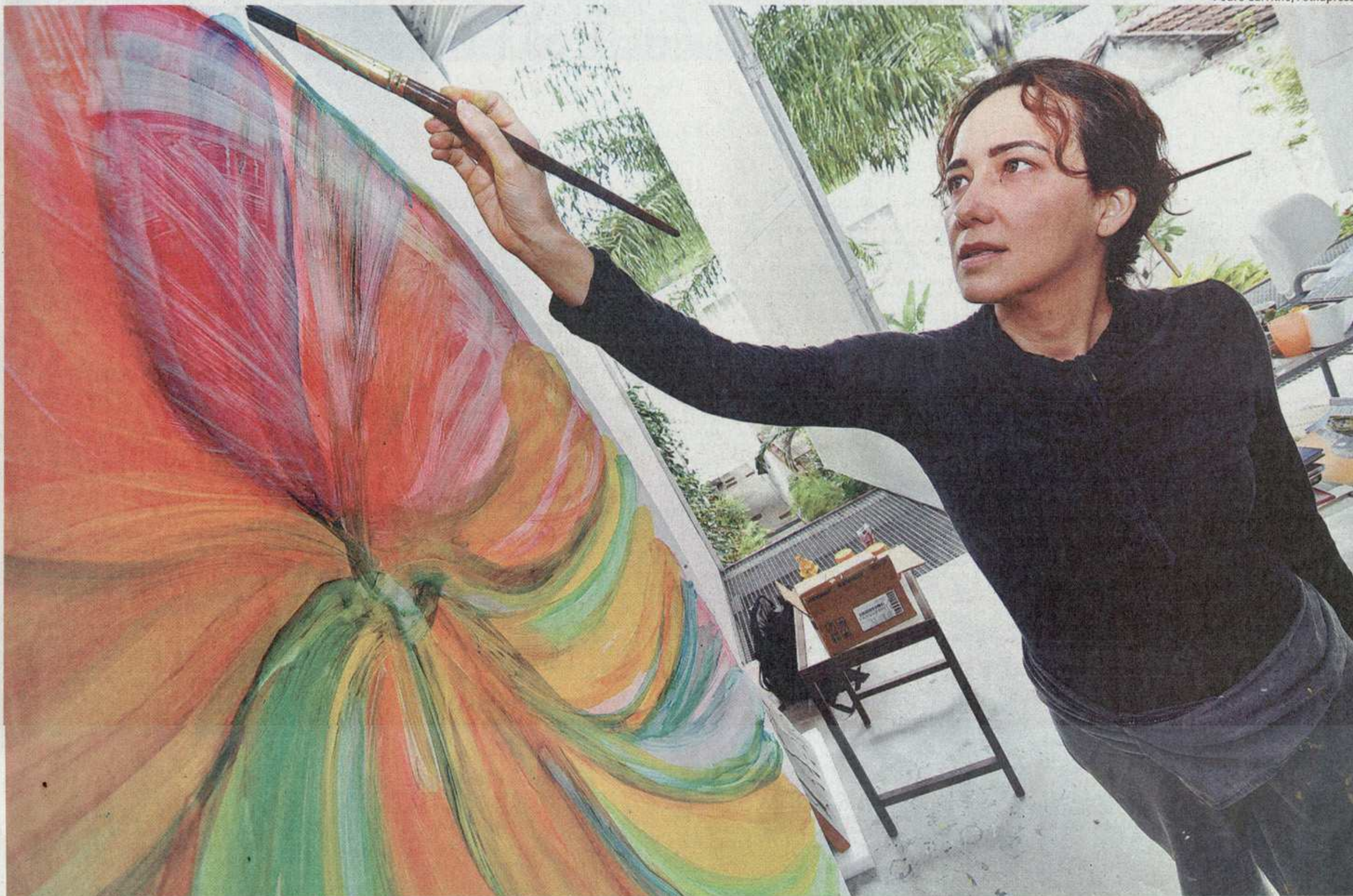


## PERFIL ADRIANA VAREJÃO



Pedro Carrilho/Folhapress

A artista Adriana Varejão pinta em seu ateliê no Rio

## ANÁLISE

Maior projeção internacional se deu com uso de temas históricos

FABIO CYPRIANO  
DE SÃO PAULO

Adriana Varejão faz parte de uma geração de artistas brasileiros que já nos anos 1990 conseguiu grande projeção no exterior.

Nesse período, de intensa internacionalização no sistema de arte, as obras de Varejão, assim como as de Ernesto Neto e de Beatriz Milhazes, outros integrantes desse grupo, ganharam impulso por suas vinculações a uma temática brasileira.

Neto se destacou por recuperar a presença do espectador e o uso dos sentidos, marcas do neoconcretismo, Milhazes por usar cores e formas tropicais e Varejão por tematizar o passado barroco e colonial.

Em "Carne à Moda de Frans Post" (1996), por exemplo, a artista reconstituiu pinturas que retratam o Brasil no século 17, abrindo-as em vísceras, como se fossem realizadas sobre corpos humanos, numa possível referência às torturas vividas na escravidão.

Esse procedimento que usa a qualidade técnica da pintura para um questionamento político da história brasileira, dando visibilidade a uma violência sempre um tanto escondida, está também, por exemplo, em sua série "Linguas e Cortes" (1995-2005).

E foi o procedimento que colocou Adriana Varejão em importantes instituições internacionais, entre elas a Tate, de Londres, e a Fundação Cartier, em Paris.

A partir de 2001, com a série "Saunas e Banhos", sua obra conquista maior precisismo na forma, ao retratar com grande impacto os espaços que dão nome a essa série, abandonando em parte a questão política.

Nos últimos anos, sua mais impressionante obra foi seu próprio pavilhão, no Instituto Inhotim (MG), aberto em 2008, no idílico espaço criado por seu marido, Bernardo Paz.

# TRAIÇÃO barroco

Em entrevista à Folha, artista carioca Adriana Varejão lembra **VOZES** e **saunas** da infância e reclama da 'armadilha' do mercado

SILAS MARTÍ  
ENVIADO ESPECIAL AO RIO

No celular, aparece a mensagem. "Aqui ventou muito esta noite", escreveu Adriana Varejão. "Te espero."

Foram sete palavras carregadas de drama antes do encontro em seu ateliê no Rio.

Num dia de céu de chumbo, ela ouve Cartola enquanto tenta fazer as luzes saírem pelas bordas na pintura de um prato gigantesco para a sua próxima mostra.

"Sou meio samba", diz. "Muito samba e choro."

Também é teatro. Ela é a artista que canibalizou o barroco, reencenando o gênero em suas paredes de azulejos e carne cenográfica. Rasga suas telas para revelar convulsões vermelho-sangue.

Um livro recém-lançado analisa as ruínas que usa para construir seu trabalho, o que ela resume como "construção da desconstrução".

São textos de Silvano Santiago, Lilia Moritz Schwarcz e outros intelectuais que tentam mensurar as dimensões de Varejão. Falam do azul da artista, de como ela conseguiu fugir à tradição concreta e arquitetar uma via estética com paredes de charque.

Na superfície, estão quadrados assépticos. Pelas bordas, vazam entranhas de poliuretano. A sangria congelada começou com "Ruínas de Charque", há dez anos, e é hoje sua obra mais cara.

Uma dessas paredes foi arrematada em abril por R\$ 551 mil num leilão em São Paulo. No balanço geral, sua obra se valorizou 5.000% na última década, mais do que qualquer outra artista brasileira.

"Estou longe de ser uma unanimidade", dispara. "Tem dias que acho tudo uma maravilha, outros em

que acho tudo um horror."

São polos opostos também na sua obra. "Lido com esgarçamento, carne e sangue", diz. "Preciso desse teatro, claro e escuro, a aspepsia em contraponto à volúpia, é uma estratégia barroca."

Na vida real, Varejão aprendeu outra estratégia. Não está nos vernissages, estampada em jornais, badalando em festas. Passa os dias no Jardim Botânico, escondida no ateliê em forma de caixa, aberto à mata.

"Quando senti que ia cair nessa armadilha, eu resisti", diz. "É uma sinuca de bico."

Armadilha, no caso, é o jogo nada teatral do mercado. São valores reais inflados num ritmo tão acelerado que parecem de mentira, cifras que ofuscam qualquer obra.

Beatriz Milhazes, sua colega de geração com ateliê perto dali, foi a primeira brasileira alvo do furacão especulativo, batendo US\$ 1 milhão num leilão nova-iorquino.

"Ficou chato ter uma etiqueta de valor no trabalho dela", diz Varejão. "Você para de ver a pintura e passa a

ver outra coisa no lugar."

Talvez por isso, Varejão quer distância do dinheiro.

Mesmo casada com o megacolecionador Bernardo Paz, o homem por trás do Inhotim, onde investiu R\$ 400 milhões em arte contemporânea, ela vive no Rio e vai a Brumadinho, no interior mineiro, uma vez a cada 15 dias para ver o marido.

"Distância não atrapalha, ajuda", diz Varejão. "Nosso casamento está ótimo."

## CONSTRUÇÃO

Tanto no Rio quanto em Minas, suas obras ficam num cubo suspenso, espaços de linhas retas projetados pelo arquiteto Rodrigo Cerviño.

É uma casca neutra e impenetrável para a latência sanguínea de seus trabalhos, do mesmo jeito que brigam as entranhas das obras com a pele plástica do lado de fora.

"É como se tivesse dentro de uma igreja barroca e ouvisse uma buzina lá fora", descreve. "Tento fazer essas associações inesperadas."

Mas, voltando ao próprio passado, não vê traumas por trás das chacinhas emparedadas de agora. "É afetuosa minha relação com arquitetura. Quando era pequena, tinha a sensação de estar dentro de um corpo, a casa era um ser e havia pessoas nas paredes."

Depois dos quartos cheios

de vozes, ela grudou os olhos nos azulejos das saunas que visitava com a mãe.

"Foi a primeira vez que vi mulheres peladas naquele contexto de intimidade", lembra. "Ali estava aquele chão azulejado, isso ficou preso na minha cabeça."

ADRIANA VAREJÃO -  
ENTRE CARNES E MARES

AUTORES Silvano Santiago, Lilia Moritz Schwarcz, Karl Erik Schollhammer, Luiz Camillo Osório, Zalinda Cartaxo  
EDITORA Cobogó  
QUANTO R\$ 125 (368 págs.)

RAIO X  
ADRIANA VAREJÃO

**VIDA**  
Nasceu, no Rio, em 1964

**OBRA**  
Conhecida pela incorporação de aspectos do barroco em sua pintura e obra tridimensional

**CARREIRA**  
Participou da 22ª Bienal de São Paulo, em 1994, da 24ª Bienal de São Paulo, em 1998, da 12ª Bienal de Sydney, em 2000, e da 5ª Bienal do Mercosul, em 2005

madeleine peyroux

8 de junho  
em São Paulo  
Teatro Bradesco

turnê brasil 2010  
rio de janeiro 10/06  
brasilia 12/06  
porto alegre 13/06

realização RAFAEL REISMAN PRODUÇÕES  
apoio TAM  
vendas em São Paulo ingresso rápido 4003 1212  
ingressorapido.com.br

©HermanMiller

Setu® Chair

O mais novo lançamento da Herman Miller.

A primeira cadeira com Kinematic Spine. Flexível a todos os movimentos sem necessidade de ajuste.

Venha experimentá-la na Atec.

atec Original Design  
CERTIFIED HERMAN MILLER DISTRIBUTOR

Para comprar, ligue: sp 11 3034 1800 rj 21 2267 9795 df 61 3327 1404 www.atecnet.com.br